

3

---

# NOTÍCIA BIBLIOGRÁFICA E HISTÓRICA

Responsável

**ODILON NOGUEIRA DE MATOS**

Departamento de História da Pontifícia

Universidade Católica de Campinas

---

ANO XI — Nº 95

ABRIL/JUNHO — 1979

---

COMENTÁRIOS

ACADEMIA PAULISTA DE HISTÓRIA

EX - PERMANECIDOS - PUCG

Coleção: 900/3

Recebido: 25/04/79

Odilon Nogueira de Matos

A **Academia Paulista de História**, idealizada e fundada pelo Acadêmico Tito Lívio Ferreira, teve sua primeira reunião, que se poderia considerar a própria reunião de fundação, a 18 de dezembro de 1972, ano do sesqui-centenário de nossa Independência; porém, apenas a 2 de fevereiro do ano seguinte foi solenemente instalada no salão nobre do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Em seu discurso no ato de instalação, lembrou o fundador que a **Academia Paulista de História** era a quarta instituição acadêmica a surgir do Instituto Histórico e Geográfico, sendo as outras três a Academia Paulista de Letras em 1909, a Academia Paulista de Educação em 1970 e, pouco depois, a Academia Paulista de Direito. “As quatro são criaturas do sodalício, pois foram idealizadas por sócios do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Acadê-

micos embora, eles ilustram, honram e dignificam esta casa de labor científico, à qual pertencem e da qual jamais se afastaram”.

O grupo inicial, constituído, como de praxe nas academias, de quarenta titulares, que tomaram como patronos figuras representativas da historiografia brasileira, e escolhido por diferentes modalidades, como também de comum ocorre na fase de organização de todas as academias, foi integrado pelas seguintes personalidades, aqui nomeadas por ordem alfabética: Aldo Janotti, Alfredo Gomes, Alice Piffer Canabrava, Álvaro da Veiga Coimbra, Álvaro do Amaral, Antônio Barreto do Amaral, Arnaldo Amado Ferreira, Arrisson de Souza Ferraz, Aureliano Leite, Áureo de Almeida Camargo, Célio Debes, Celso Maria de Melo Pupo, Divaldo Gaspar de Freitas, Edgard de Cerqueira Falcão, Eduardo d'Oliveira França, Emanuel Soares da Veiga Garcia, Eurípedes Simões de Paula, Francisco Martins dos Santos, Hélio Abranches Viotti, Helio Damante, Heliodoro Tenório da Rocha Marques, Jacob Penteado, Jorge Bertolaso Stella, José Afonso de Moraes Bueno Passos, José Antero Pereira Júnior, José de Melo Pimenta, José Ferreira Carrato, José Pedro Leite Cordeiro, José Roberto do Amaral Lapa, Leonardo Arroyo, Luiz Castanho de Almeida, Manoel Rodrigues Ferreira, Manuel Nunes Dias, Miguel Reale, Myriam Ellis, Odilon Nogueira de Matos, Paulo Silveira Santos, Pedro Brasil Bandecchi, Tito Lívio Ferreira e Wilson Maia Fina.

Do significado desse quadro inicial da **Academia Paulista de História** deu conta o Acadêmico Brasil Bandecchi, no discurso proferido na sessão solene de instalação no dia 2 de fevereiro de 1973: “A Academia Paulista de História reúne no seu quadro estudiosos da História dedicados aos mais diversos ramos e maneiras de pensar as mais diversas. E é nesta diversificação que se procurou formar o seu núcleo a fim de que sua representação fosse a mais ampla, dentro de uma estrutura que permite harmonia na diversidade. E nisto não há nenhum paradoxo. Aqui, portanto, não há predomínio de grupos, mas sim o respeito ao ponto de vista de cada um como deve acontecer em toda organização de caráter científico. Basta ler os nomes dos quarenta membros, para que ressalte, desde logo, o critério da escolha. Lógico que, dentro desse número, não cabem todos os que se dedicam aos estudos históricos, o que acontece com todos os sodalícios cujo quadro associativo é limitado e restrito a campos bem definidos como o nosso. Há os que são polígrafos e pertencem já a outras academias, onde seus talentos e suas obras melhor se enquadram, mesmo que tenham escrito sobre fatos históricos, que por essa razão aqui não se acham. Isto, porém, não impediu nem impedirá que alguns especialistas pertençam a mais de uma acade-

mia, como no caso, para citar apenas um, do escritor José Pedro Leite Cordeiro. Temos, entre os acadêmicos desta Casa, Jacob Penteadó, memorialista emérito, que traça para o futuro episódio do presente e que, escrevendo seu **Belenzinho**, deu-nos, como elementos mais acentuadamente históricos, a continuação da obra de Antônio de Alcântara Machado, escritor notável, desaparecido muito jovem, na bela floração do seu forte talento. Espírito mais universalista, o professor Reale, com seu livro **Horizontes da História e do Direito** não só nos oferece obra inteiramente original, como, estudando o primeiro mestre da Faculdade de Direito de São Paulo, Avelar Brotero, o tirou daquele mundo de anedotas que o respeitável Almeida Nogueira nos legou, e o queridíssimo Spencer Vampré repetiu, para lhe dar lugar justo nas letras jurídicas, lugar de destaque ( no que tange à História ), pois que lhe examinou a obra no seu tempo. Reabilitou-o, enfim. Temos anchietanos, como Hélio Abranches Viotti e Álvaro do Amaral, e nobreguenses como Tito Lívio Ferreira e Melo Pimenta; historiadores de São Paulo, como Barreto do Amaral, Odilon Nogueira de Matos, Célio Debes, Wilson Maia Fina e o bandeirantista Manoel Rodrigues Ferreira ( aqui, o orador omitiu seu próprio nome, que, tanto quanto ou mais que os outros deveria ser incluído neste item, como cultor acendrado da História de São Paulo ); especialistas sobre 32, como Áureo de Almeida Camargo, Tenório da Rocha Marques; numismata do porte de Álvaro da Veiga Coimbra e um arqueólogo dos mais acatados como José Antero Pereira; professores e historiadores que ilustram o curso de História da Universidade de São Paulo, tais como Eurípedes Simões de Paula, Manuel Nunes Dias, Eduardo d'Oliveira França, Myriam Ellis, Alice P. Canabrava, Emanuel da Veiga Garcia, Aldo Janotti e o já citado Odilon Nogueira de Matos ( aqui, com toda a justiça e razão caberia igualmente, e mais uma vez o nome do orador ); Hélio Damante, na História da Religião Católica; na História da Medicina, Arnaldo Amado Ferreira e Divaldo de Freitas; no amor das obras raras e no reeditar com lúcidas introduções, Edgard Cerqueira Falcão”.

A circunstância de Aureliano Leite, então presidente do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, não ter aceito o convite para integrar o quadro de fundadores da Academia ( embora seu nome chegasse a ser divulgado nos primeiros impressos ), propiciou a eleição de Luís Arrobas Martins para o seu lugar.

Pouco depois de instalada a Academia, registrou-se o primeiro claro em seu quadro de titulares, com o falecimento de Jacob Penteadó, substituído por Fernando Góes, que se tornou, assim, o primeiro acadêmico eleito e empossado em virtude de falecimento do titular e fundador da cadeira. Posterior-

mente, ocorreram os falecimentos de José Antero Pereira Júnior, Arnaldo Amado Ferreira, Áureo de Almeida Camargo, Luís Arrobas Martins, Eurípedes Simões de Paula, Alfredo Gomes e Francisco Martins dos Santos, substituídos, respectivamente, por Lycurgo de Castro Santos Filho, Raul de Andrada e Silva, Hernani Donato, Duílio Crispim Farina, Vinício Stein de Campos e Péricles Eugênio da Silva Ramos, permanecendo vaga, no momento em que esta nota é escrita, a cadeira que pertenceu ao historiador santista Francisco Martins dos Santos.

À vista das alterações indicadas, é a seguinte a composição atual (março de 1979) da Academia, pela ordem das cadeiras, indicando-se, entre parênteses, os respectivos patronos:

1. Tito Lívio Ferreira ( Francisco Adolfo de Varnhagem )
2. Álvaro da Veiga Coimbra ( Júlio Meili )
3. Antônio Barreto do Amaral ( Washington Luís )
4. Célio S. Debes ( Capistrano de Abreu )
5. Manoel Rodrigues Ferreira ( Pedro Taques )
6. Brasil Bandecchi ( João Francisco Lisboa )
7. Péricles Eugênio da Silva Ramos ( Alexandre de Gusmão )
8. Alice Pifer Canabrava ( André João Antonil )
9. Raul de Andrada e Silva ( Frei Vicente do Salvador )
10. Arrison de Souza Ferraz ( Oliveira Lima )
11. Duílio Crispim Farina ( Frei Gaspar da Madre de Deus )
12. Hernani Donato ( Manuel Eufrásio de Azevedo Marques )
13. Fernando Góes ( Rocha Pombo )
14. Celso Maria de Melo Pupo ( Pandiá Calógeras )
15. Divaldo Gaspar de Freitas ( Serafim Leite )
16. Eduardo d'Oliveira França ( Afonso de Taunay )
17. Emanuel Soares da Veiga Garcia ( Tobias Monteiro )
18. Aldo Janotti ( Américo de Moura )
19. Vinício Stein de Campos ( Fernão Cardim )
20. Vaga ( Visconde de São Leopoldo )
21. Hélio Abranches Viotti ( Rafael Galanti )
22. Hélio Damante ( Barão do Rio Branco )
23. Heliodoro Tenório da Rocha Marques ( Júlio de Mesquita Filho )
24. Álvaro do Amaral ( Simão de Vasconcelos )
25. Jorge Bertolaso Stella ( João Ribeiro )
26. José Afonso de Moraes Passos ( Diogo de Vasconcelos )

27. José Ferreira Carrato ( Aurélio Porto )
28. Lycurgo de Castro Santos Filho ( Teodoro Sampaio )
29. José de Melo Pimenta ( Pero de Magalhães Gandavo )
30. José Pedro Leite Cordeiro ( Brasília Machado )
31. José Roberto do Amaral Lapa ( Gabriel Soares de Sousa )
32. Leonardo Arroyo ( Euclides da Cunha )
33. Luiz Castanho de Almeida ( Afonso de Freitas )
34. Manuel Nunes Dias ( Jaime Cortesão )
35. Miguel Reale ( Alcântara Machado )
36. Myriam Ellis ( Basílio de Magalhães )
37. Edgard de Cerqueira Falcão ( Alexandre Rodrigues Ferreira )
38. Odilon Nogueira de Matos ( Oliveira Viana )
39. Paulo da Silveira Santos ( Alexandre de Melo Moraes, pai )
40. Wilson Maia Fina ( Antônio de Toledo Pisa )

O acadêmico Luís Arrobas Martins, em sua curta passagem pela presidência da Academia, propôs que, sessões mensais, realizadas sempre em almoços de confraternização, os acadêmicos traçassem o perfil de seus patronos, visando, possivelmente, a uma futura publicação. Sugeriu o saudoso acadêmico que os perfis fossem apresentados pela ordem das cadeiras, o que não foi possível, devido ao afastamento de alguns acadêmicos, à impossibilidade manifesta de outros e, ainda, e infelizmente, ao desinteresse de uns quantos, felizmente poucos, que sistematicamente não comparecem e alguns até nunca compareceram às reuniões da Academia. Assim, a apresentação dos “elogios acadêmicos” dos patronos vem-se desenvolvendo da maneira possível. Até o momento ( março de 1979 ) dez foram apresentados: Júlio Meili, Capistrano de Abreu, João Francisco Lisboa, Frei Vicente do Salvador, Oliveira Lima, Pandiá Calógeras, Serafim Leite, Tobias Monteiro, Rafael Galanti e Barão do Rio Branco. É bem verdade que os acadêmicos eleitos em substituição aos fundadores e primeiros titulares, nos seus discursos de posse, trataram de seus patronos, como de praxe nas recepções acadêmicas. São os casos de Fernando Goes, Lycurgo de Castro Santos Filho, Raul de Andrada e Silva, Hernani Donato, Duílio Crispim Farina e Vinício Stein de Campos que, em seus discursos, trataram de Rocha Pombo, Teodoro Sampaio, Frei Vicente do Salvador, Azevedo Marques, Frei Gaspar e Fernão Cardim, respectivamente. Registre-se que o Acadêmico Raul de Andrada e Silva, embora tenha-se ocupado de Frei Vicente do Salvador em seu discurso de posse, dispôs-se a dele tratar novamente numa das reuniões mensais da Academia.

**Notícia Bibliográfica e Histórica** sente-se honrada em publicar, no presente número, os “elogios acadêmicos” proferidos nas reuniões-almoço da Academia Paulista de História: Julio Meili, Capistrano de Abreu, Frei Vicente do Salvador, Oliveira Lima, Serafim Leite, Pandiá Calógeras, Rafael Galanti e Barão do Rio Branco. Lamentamos duas omissões: a do Acadêmico Brasil Bandecchi, que, infelizmente, não escreveu a bela oração que proferiu sobre João Francisco Lisboa, e a do Acadêmico Emanuel Veiga Garcia, que não nos forneceu o texto de seu trabalho.

Desta forma, e com este número, **Notícia Bibliográfica**, cujo responsável se orgulha de ter sido um dos fundadores da Academia Paulista de História, e que, quando chegar a oportunidade, apresentará também o “elogio” de seu patrono, tributa modesta homenagem ao sodalício atualmente presidido por Lycurgo de Castro Santos Filho.

\*

## JÚLIO MEILI

Álvaro da Veiga Coimbra

Iniciamos hoje a série de palestras sobre os patronos da nossa Academia.

Coube-nos a primazia de fazê-lo, mas que nossas primeiras palavras sejam de homenagem à memória do nosso saudoso presidente, o senhor doutor Luís Arrobas Martins, o idealizador destas tertúlias acadêmicas.

À sua memória nos curvamos respeitosamente.

\*

Qualquer ciência por limitada que pareça, exige hoje da parte de quem se lhe dedica tal soma de esforço intelectual, não só por causa da vastidão e complexidade dos fatos que a constituem, mas também pelas relações que, necessariamente, mantém com outras do mesmo grupo, que nos obriga a ficar sempre atentos, se quisermos estar a par do movimento do século.

A Numismática tem o seu lugar de honra ao lado da História e da Arqueologia, pelo muito que estas lhe devem, pelo auxílio que lhes foi dado em passos difíceis, ou em horas de triunfo. De fato. A Numismática, é dos ramos